



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO MULTIDISCIPLINAR
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

TAYANE ALMEIDA PINTO NOGUEIRA

**As Pessoas Compreendem o que é Economia Solidária? Um Caso
de Ensino no Município Santo Antônio do Vale**

Volta Redonda
2021

TAYANE ALMEIDA PINTO NOGUEIRA

As Pessoas Compreendem o que é Economia Solidária? Um Caso de Ensino no Município Santo Antônio do Vale

Caso de ensino apresentado ao Curso de Bacharelado em Administração Pública, modalidade presencial, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Administração Pública.

Orientação: Prof^ª.Dr^ª Thais Soares Kronemberger

TERMO DE APROVAÇÃO

TAYANE ALMEIDA PINTO NOGUEIRA

As Pessoas Compreendem o que é Economia Solidária? Um Caso de Ensino no Município Santo Antônio do Vale

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade caso de ensino, aprovado pela Banca Examinadora do Curso de Administração Pública da Universidade Federal Fluminense – UFF.

Volta Redonda, 07 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^{ta} Dr.^a Thais Soares Kronemberger
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Luis Henrique Abegão
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Carlos Frederico Bom Kraemer
Universidade Federal Fluminense

As Pessoas Compreendem o que é Economia Solidária? Um Caso de Ensino no Município Santo Antônio do Vale

Resumo

Este caso de ensino dedica-se a apresentar um breve histórico da economia solidária no município brasileiro Santo Antônio do Vale, com a indicação dos principais eventos que marcaram a construção do movimento em economia solidária na cidade. São colocadas em discussão questões referentes a não compreensão por parte dos participantes do que é economia solidária, além da baixa participação nos espaços deliberativos e de construção coletiva, como o Fórum de Economia Solidária do município. O caso contou com pesquisa bibliográfica, principalmente em artigos científicos; pesquisa documental em atas de reuniões e relatórios de eventos sobre economia solidária no município; observação simples em reuniões do Fórum de Economia Solidária ao longo do ano de 2019, além de entrevistas semiestruturadas com integrantes do Fórum e com participantes do III Festival de Economia Solidária. Pretende-se aplicar o caso em cursos de graduação em Administração e Administração Pública, especialmente em disciplinas que abordem as temáticas de Gestão Social e Economia Solidária.

Palavras-chave: economia solidária; empreendimentos econômicos solidários; participação social.

Abstract

This teaching case is dedicated to present a brief history of the solidarity economy in Brazilian municipality Santo Antônio do Vale, located in the South Fluminense region of the state of Rio de Janeiro, with the indication of the main events that marked the construction of the solidarity economy movement in the city. Questions related to the participants' lack of understanding of what solidarity economy really is, in addition to the low participation in deliberative and collective construction spaces, such as the Solidarity Economy Forum of the municipality, are discussed. The case included bibliographic research, mainly in scientific articles; documentary research in minutes and reports; simple observation at meetings of the Solidarity Economy Forum throughout 2019, in addition to semi-structured interviews with members of the Forum and with participants of the III Solidarity Economy Festival. It is intended to apply the case in undergraduate courses in Administration and Public Administration, in subjects that address the themes of Social Management and Solidarity Economy.

Keywords: solidarity economy; solidarity-based economic ventures; social participation.

1. Apresentação

Luiza Santos é uma jovem estudante do curso de Administração Pública de uma Universidade Federal localizada no município Santo Antônio do Vale. A cidade possui importância para a economia regional e estadual, tendo um papel fundamental na história do desenvolvimento do Brasil.

Luiza, inquieta por não conhecer uma organização em torno da luta por melhores condições de trabalho e geração de renda na cidade, começou, em meados de 2011, a participar do Grupo Programa de Educação Tutorial - PETⁱ, na já citada universidade. Foi lá que ela passou a ter contato com temáticas nas áreas de Gestão Social e Economia Solidária, já que o grupo tinha como característica a interdisciplinaridade e a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão.

Desse modo, se aproximando de outros discentes e sob a tutoria de Roberto, professor-coordenador do grupo, Luiza começou a entender que economia solidária era uma alternativa de geração de trabalho e renda pelos princípios da autogestão, do comércio justo e solidário, da cooperação e da solidariedade.

Posteriormente, em outubro de 2013, ocorreu a oportunidade de submeter um projeto de pesquisa para uma chamada pública em órgão de fomento que tinha por objetivo apoiar a formação de novas incubadoras tecnológicas de economia solidária. Luiza, ao tomar conhecimento sobre o edital no site da universidade, perguntou: *o que é uma incubadora?*

Luiza descobre, com o apoio do professor Roberto, que incubadoras tecnológicas de economia solidária diferem das empresariais. São instâncias que buscam assessorar empreendimentos econômicos, sob os princípios do cooperativismo, da autogestão e da sustentabilidade, além de contribuírem com a formação do estudante e apoiarem o movimento social em economia solidária. É um grupo interdisciplinar integrado por estudantes de diferentes cursos que também realiza pesquisa, desenvolve metodologias de intervenção e tecnologias sociais, além de atuar diretamente com a população na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Como moradora da cidade, Luiza começou a pesquisar sobre experiências em economia solidária e percebeu que em Santo Antônio do Vale havia artesãos, pequenos produtores rurais e catadores de materiais recicláveis. A estudante, então, ficou animada com essa oportunidade de construir uma incubadora para apoiar determinados grupos na geração de trabalho e renda.

Sendo assim, junto com o Grupo PET, elaborou um projeto de extensão para fomentar a economia solidária no município, com o apoio da universidade. O resultado foi a aprovação do projeto pela Chamada Pública, em dezembro de 2013, o que possibilitou, um ano depois, a criação de uma Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Econômicos Solidários.

Como atividade de extensão, Luiza iniciou o contato com os artesãos da cidade e logo conheceu, em uma praça de grande circulação do município, André Luiz Carvalho. Ao ver que também era morador de Santo Antônio do Vale, artesão e vendia seus produtos por ali, Luiza lhe contou que havia um grupo da universidade do município dando suporte a iniciativas de economia solidária - a, recentemente formada, Incubadora Tecnológica. Ao conversar um pouco mais com Luiza, André Luiz resolveu no dia seguinte ir até à universidade para saber melhor sobre a Incubadora e, lá, descobriu que o grupo funcionava como uma entidade de apoio, além de apoiar a construção de um movimento em economia solidária na cidade.

Além de André, outros artesãos foram contactados pelos estudantes, que passaram a integrar a Incubadora, somado a alguns catadores de materiais recicláveis que também atuavam na cidade, além de pequenos produtores rurais que tinham representação no município vizinho. Pela parceria com outra Instituição de Ensino Superior no município, um grupo de mulheres que produziam alimentos, doces e geleias de forma artesanal também foi incorporado na Incubadora como forma de apoiar a gestão de empreendimentos, além de contribuir para a geração de trabalho e renda.

Conforme as ações da Incubadora se desenvolviam, Luiza conversava com as pessoas e percebia que poucas sabiam o que era economia solidária. Chamava a atenção o engajamento dos participantes nas reuniões da Incubadora e nos eventos organizados para comercialização de produtos, como feiras, festivais, circuitos de trocas, mas e os valores da economia solidária? Luiza percebia que não se faziam sentir nos participantes. Por que isso acontecia? Como Luiza poderia desenvolver as ações da Incubadora junto aos artesãos, pequenos produtores, catadores de materiais recicláveis que se somavam às ações da Incubadora, sem que compreendessem o sentido da economia solidária? Algo precisava ser feito.

2. O ponto de partida: Seminários de Economia Solidária

Luiza, atenta aos acontecimentos da economia solidária, participou da Plenária Nacional que aconteceu no município de Luziânia, no estado de Goiás. Lá, teve contato com

diversos segmentos do movimento da economia solidária a nível nacional, o que lhe proporcionou o conhecimento de outras experiências em outras cidades e estados, tanto no meio urbano quanto no meio rural. Desse modo, Luiza começou a se questionar se algo não deveria ser feito em sua cidade natal, já que ali não existia nenhuma organização que integrasse o público em torno da economia solidária.

Com esses questionamentos em mente, Luiza se reuniu com os estudantes do Grupo PET e todos começaram a discutir sobre o assunto. O professor Roberto também ficou muito animado com a ideia de Luiza e contou para os alunos que, no cenário nacional, o movimento de economia solidária foi colocado em evidência em 2001, após a realização do Fórum Social Mundial (FSM)¹. Ele também explicou que ali no FSM, a economia solidária teve seu espaço, com conferências, debates, oficinas e trocas de experiências sobre o tema.

Roberto evidenciou ainda que os movimentos sociais organizados em torno da economia solidária foram importantes para a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES). Com a SENAES, o movimento de economia solidária se expandiu e ganhou expressão nacional. Logo depois, em junho do mesmo ano, foram criados o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) e a Rede Nacional de Gestores de Políticas Públicas de Economia Solidária.

Com todas essas informações e empolgada com o que poderia ser feito em sua cidade, Luiza começou a conversar com todos os alunos do Grupo e com o professor Roberto quando surgiu o seguinte questionamento: *“a gente precisa fazer alguma coisa! Tem um monte de coisa acontecendo no Brasil e em Santo Antônio do Vale só temos essas conversas pequenas, vamos organizar um seminário?”*

A partir daí, os estudantes, instigados com o tema, se propuseram a organizar o primeiro Seminário de Economia Solidária, de abrangência regional. O grupo teve a ideia de organizar um seminário que contasse com a participação de 12 municípios da região para discutirem economia solidária.

Esse evento surgiu com o objetivo de estimular, unir, sensibilizar e atualizar os participantes dos empreendimentos econômicos solidários, movimentos sociais, poder público e entidades de apoio para a criação de uma rede de economia solidária na região. O Seminário

¹ O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de ideias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra.

foi realizado em abril de 2013, em Tanara, município de vocação agrícola vizinho a Santo Antônio do Vale, que conta com pequenos produtores rurais.

Nesse primeiro momento, o foco do Seminário foi apresentar e discutir o que é a economia solidária. Logo após a realização do I Seminário, alguns membros da organização dos seminários foram a cinco cidades da região: Santo Antônio do Vale, Camboatá, Coroados, Vila Monumento e Tanara, tendo por propósito a realização de Pré-SESMEPs, que serviram justamente para mobilizar as pessoas a participarem do II SESMEP.

O Grupo PET organizou, então, o II Seminário, que ocorreu no mesmo ano, em agosto, na Universidade Federal de Santo Antônio do Vale, onde os empreendimentos solidários e os gestores públicos discutiram a importância de terem uma política pública de economia solidária na região. Além do Seminário, organizaram a III Conferência Regional de Economia Solidária, também na Universidade pública de Santo Antônio do Vale, como uma etapa para a realização da III Conferência Nacional de Economia Solidária (CONAES) cujo tema foi “Construindo um Plano Nacional da Economia Solidária para promover o direito de produzir e viver de forma associativa e sustentável”.

Em dezembro de 2014, o grupo realizou o III Seminário, novamente na Universidade em Santo Antônio do Vale, com o objetivo de apresentar as propostas das Conferências de Economia Solidária e fazer um levantamento do movimento na região. Nesta terceira edição do Seminário, Luiza e os demais membros do PET observaram um aumento de pessoas que trabalhavam de forma isolada e que, com a participação nos seminários, tiveram a oportunidade de se associar e trocar experiências, aumentando sua produção e comercialização.

Foi nesse ano que Isadora, artesã e moradora de Santo Antônio do Vale, conheceu o professor Roberto, que além de orientador do Grupo PET, também era coordenador da Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Econômicos Solidários. Conversando com ele, percebeu que o grupo de artesãos do qual fazia parte poderia ser incubado, pois apresentava características da economia solidária.

“O grupo foi escolhido como Economia Solidária pela maneira que a gente se juntava para comercializar e aí entramos para a incubadora da universidade, por ser um grupo organizado, que tinha estatuto, tinha tudo”, disse Isadora.

Os empreendimentos que se aproximavam da economia solidária eram identificados pelo movimento local e convidados a participar dos eventos. Isso fez com que várias pessoas comessem a se conhecer.

Os artesãos, produtores rurais, catadores de materiais recicláveis passaram a se envolver nos Seminários, mesmo que, muitas vezes, suas produções acontecessem de forma individual. Isso acontecia porque a comercialização era feita de forma coletiva, de modo que os aproximava do princípio de autogestão, mesmo que esses empreendimentos não se reconhecessem como de economia solidária.

O professor Roberto e os demais estudantes ficaram animados com a alta adesão do IV Seminário, realizado no dia 27 de agosto de 2016, de novo na Universidade Federal de Santo Antônio do Vale. Nesse ano, participaram 31 representantes de empreendimentos econômicos solidários, 24 representantes de entidades de apoio, três representantes da gestão pública e, também cinco pessoas interessadas pelo tema. Marcaram presença as cooperativas de catadores de materiais recicláveis, artesãos, grupo de mulheres, pastorais sociais, a Incubadora Tecnológica e o Grupo PET, além de gestores públicos, associações e fóruns ligados à economia solidária, secretarias municipais, Conselho Estadual de Economia Solidária e integrantes do Partido Político Socialismo e Liberdade (PSOL).

Foi o momento que André Luiz, artesão preocupado com os rumos da economia na cidade, e Nathália, produtora de massas e integrais, se conheceram.

André faz parte de um grupo de artesãos bem diverso no município e começou a participar dos Seminários de Economia Solidária quando conheceu Luiza, que o convidou a conhecer a Incubadora na universidade. Nesta ocasião, André e seu grupo de artesãos foram convidados pelo professor Roberto para serem incubados. Nathália também descobriu a economia solidária pela incubadora quando soube que haveria a quarta edição do seminário. Ela participava de um grupo de característica familiar, em que mulheres desempregadas se uniram em busca de gerar alguma renda.

O IV Seminário de Economia Solidária tinha por objetivo fomentar a articulação do movimento de economia solidária da região, fazer análise da conjuntura político-institucional da economia solidária em nível federal, estadual e regional, além de propor encaminhamentos ao movimento regional de economia solidária. Buscava-se também, criar uma rede de apoio e um contato com outras universidades, coletivos e movimentos sociais, tendo por finalidade contribuir para a geração de trabalho e renda através da cooperação.

Luiza, Roberto, Isadora, André e Nathalia, além de todos os presentes no IV Seminário, começaram a elaborar propostas e a conversar sobre os rumos da economia solidária na região. Discutiram como seria feita a comercialização dos produtos, o fortalecimento da articulação em rede dos empreendimentos de economia solidária, a busca por parcerias públicas e privadas, a ampliação do relacionamento com entidades de apoio e fomento.

Na Universidade, o conhecimento do professor Roberto e o engajamento de Luiza ao conhecer experiências em economia solidária pelo país possibilitaram que outros assuntos fossem discutidos, como, por exemplo, finanças solidárias, fundos rotativos solidários e bancos comunitários.

Entre as oficinas de formação e debates sobre os temas da economia solidária, surgiu o seguinte questionamento: *“outras localidades já possuem um Fórum dedicado ao tema da economia solidária. Vamos fundar o nosso próprio Fórum para ficar um legado para a cidade?”*. André foi uma das pessoas que estavam presentes e votou a favor da criação do Fórum, pois como ele mesmo disse: *“é muito interessante para ficar a par das coisas, para ajudar os grupos, dar uma orientação, igual os catadores [de materiais recicláveis], que precisam muito de orientação, mas não só eles, claro”*.

Constituiria, portanto, um espaço de discussão e diálogo, além de promover a integração do público participante da economia solidária em Santo Antônio do Vale e região.

3. O surgimento do Fórum: uma instância de articulação, debates, elaboração de estratégias e mobilização do movimento de economia solidária

Luiza e Roberto já tinham conhecimento de algumas iniciativas em outros estados e também em municípios do próprio estado. No âmbito nacional, já havia o Fórum Brasileiro de Economia Solidária e uma secretaria nacional foi instituída nesse campo, a SENAES.

Então, o Fórum de Santo Antonio do Vale foi fundado para, como salientou Luiza,

ser a concretização do movimento social. Ser ali uma instância em que acontece uma vez por mês [a reunião], que as pessoas podem se aproximar, (...) uma instância organizada para poder fomentar isso, para virar política pública, para ter pequenas ações na cidade, para poder girar a economia da cidade pelo viés da economia solidária, para poder falar dos princípios e, quem sabe, melhorar esse aspecto de modo de viver em sociedade pelos princípios da economia solidária.

O Fórum surge como um local de aprendizagem em conjunto, que engloba representantes de empreendimentos econômicos solidários (já constituídos ou em processo de formação), da gestão pública municipal, entidades de apoio e fomento, além de pessoas interessadas pelo tema. É um espaço de construção da economia solidária que permite a discussão e a integração entre vários trabalhadores e trabalhadoras, como o catador de material reciclável, o artesão, o produtor alimentício, o pequeno produtor rural, enfim, todos trocando conhecimentos.

Em uma quarta-feira à tarde, André foi participar de uma reunião do Fórum agendada há uma semana na Universidade de Santo Antônio do Vale, com o chamamento feito pela

Incubadora. Porém, ao chegar à sala onde aconteceria a reunião, André se surpreendeu: “*só havia o professor Roberto, Luiza, Isadora, Nathalia e alguns alunos. O que aconteceu?*” Chamou atenção de André porque a pauta a ser discutida na reunião eram as reivindicações do movimento de economia solidária a serem apresentadas para a nova gestão municipal com início do mandato em 2017.

Mesmo com poucos participantes, sendo a maioria da universidade, iniciou-se a discussão da economia solidária como política pública, além da reflexão sobre uma agenda política do Fórum para os próximos anos. Os estudantes do curso de Administração Pública que estavam na reunião também lembraram a importância da inserção de ações em economia solidária no Plano Plurianual (PPA)ⁱⁱ e na Lei Orçamentária Anual (LOA)ⁱⁱⁱ. A partir daí, a primeira iniciativa do Fórum foi a elaboração de uma carta do movimento da economia solidária aos candidatos a prefeito do município.

Em janeiro de 2017, quando o novo prefeito assumiu o cargo, recebeu os representantes do Fórum na prefeitura e garantiu a realização do I Festival de Economia Solidária de Santo Antônio do Vale, além de aceitar a proposta da criação de uma política pública de economia solidária para a cidade.

As reuniões do Fórum continuaram acontecendo presencialmente na última quarta-feira de cada mês, às 14h, na universidade pública do município. No fim de um desses encontros, em que se discutiu a incorporação de um programa de saúde pública pensando a realidade dos catadores de materiais recicláveis do município, André foi conversar com Luiza, incomodado com a falta de participação, principalmente dos catadores, visto que a pauta debatida era de suma importância para eles.

Luiza concordou com o posicionamento de André e percebeu, inclusive, que havia uma centralidade no Fórum de estudantes da universidade e uma ausência dos empreendimentos e demais trabalhadores. Quem mais estava presente eram os artesãos André e Isadora mais Nathalia, produtora de massas e integrais. Mesmo as pautas envolvendo os coletivos que poderiam fazer parte do movimento de economia solidária, não se viam presentes outros grupos, como pequenos produtores, catadores de recicláveis, artesãos etc.

Foi então que eles perceberam que, mesmo com tantos ganhos em relação ao fomento da economia solidária em Santo Antônio do Vale, ainda eram poucos os representantes de empreendimentos econômicos solidários que participavam regularmente dos encontros e das iniciativas de construção do movimento da economia solidária. Faltavam mobilização e participação dos empreendimentos no Fórum.

Concluíram que, com a presença reduzida dos trabalhadores e trabalhadoras, torna-se mais difícil as pessoas terem conhecimento sobre o sentido da economia solidária. Para o professor Roberto, a organização do I Festival de Economia Solidária em Santo Antônio do Vale poderia ser a chance de articular novamente o público em torno de uma economia plural.

4. Festivais: todos compreendem a economia solidária?

O I Festival de Economia Solidária de Santo Antônio do Vale aconteceu nos dias 9, 10 e 11 de novembro de 2017 e foi organizado pelo Fórum, em parceria com o governo municipal e com a universidade pública. A organização do Festival, seguindo o molde do Fórum, com decisões democráticas e coletivas, se deu através de reuniões quinzenais até dois meses antes do evento, momento em que passaram a ser semanais.

Nos dias agendados para a realização do Festival, na praça Mangaba aconteceram feiras para a comercialização de produtos na área de alimentação, artesanato e agricultura familiar, além de práticas de formação em economia solidária por meio de seminários, mesas redondas, oficinas e rodas de conversa.

Bruna, uma estudante de Administração Pública que fazia parte da Incubadora da universidade e participava das reuniões do Fórum, foi ao Festival e começou a observar que nesses espaços de formação poucas pessoas se faziam presentes. Temas importantes, como moeda social, política pública de economia solidária, coleta seletiva, dentre outros eram abordados, no entanto a participação do público era pequena. A maioria estava vendendo seus produtos nas feiras. Bruna também notou que nas feiras as pessoas não entendiam muito bem o que, de fato, era economia solidária.

Ana, enquanto vendia seus doces, foi questionada por Bruna: *“você sabe o que é economia solidária?”* E ela respondeu: *“já ouvi falar, mas não conheço, não sei o que é. Eu só venho colocar meus produtos na feira”*. Isabela, que também vendia seus artesanatos por ali, contou à Bruna que começou a participar do Festival para começar a entender o que era aquele movimento [de economia solidária], pois sabia que tinha muita coisa envolvida, mas ainda tinha dificuldade de entender o que era aquilo tudo...

Durante o II Festival de Economia Solidária realizado nos dias 31 de agosto e primeiro de setembro de 2018, na Praça Murici, localizada embaixo da Biblioteca Municipal, Bruna, que estava cada vez mais interessada pelo tema da economia solidária, começou a conversar com Mariana e Vitória, duas participantes do Festival. Mariana disse à Bruna que resolveu

participar por curiosidade, pois havia ouvido falar que teria boas vendas, e Vitória disse que a parte que mais gostava era a de estar ganhando dinheiro e vendendo bem.

Então, Bruna questionou-as sobre o que compreendiam por economia solidária. Vitória não soube responder, apenas disse que é importante para ter uma renda, as pessoas verem seu produto e você conseguir vender. Já Mariana disse:

pelo nome eu deduzo que seja trabalhar em coletivo, em conjunto, uma economia diferenciada, que não é governamental. Na verdade, é um nome bonito que inventaram, mas na realidade cada um trabalha para si, que de solidário não tem nada. A gente é solidário aqui, dentro do nosso grupo, um com o outro, agora com o restante não funciona na prática.

Ambas disseram não participar do Fórum de Economia Solidária. Também comentaram que não estavam participando das mesas de discussão e palestras programadas no Festival.

No III Festival de Economia Solidária que também aconteceu na Praça Murici, nos dias 09 e 10 de agosto de 2019, a percepção de Bruna não foi diferente dos eventos anteriores. A estudante teve as mesmas conversas informais com os produtores que comercializavam no Festival e percebeu que, mesmo já estando na terceira edição, muitas pessoas diziam estar ali para vender e divulgar seu trabalho. A maioria não participava do Fórum e Bruna percebia um esvaziamento do público nas atividades formativas sobre economia solidária. O Festival contou com rodas de conversa, mesas de discussão, palestras sobre temas em agroecologia, bancos comunitários, segurança alimentar e nutricional, políticas públicas, mas, em sua maioria, os participantes eram estudantes, membros da gestão pública municipal e os artesãos mais frequentes do Fórum.

Inquieta com essa problemática, Bruna questionou Luiza, que também participou de todos os Festivais sobre o que ela pensava em relação às pessoas não entenderem o significado da economia solidária e estarem ali só para vender seus produtos. Luiza respondeu:

muitos ali não entendem que é uma questão de luta de classes. Não entendem que precisam se juntar com esses princípios para poder melhorar não só a vida deles, mas também de toda [Santo Antônio do Vale], melhorar a vida na cidade. Quando você ainda não tem essa consciência, o que acontece? As pessoas vão achar que é só mais uma feira, que é só mais um espaço de comercialização e, no fim das contas, vão para ganhar o dinheiro delas e ficam com a mesma mentalidade de empresa privada.

E Luiza continuou a explicar:

não é só comercializar e ir embora para casa, pois tem muita gente que acha que é só botar seu produto artesanal na barraca e vender. Mas, não! Tem toda essa questão por trás, de decidirmos juntos como vai ser o Festival, a feira, o processo de tomada de decisão. Elas têm que entender que precisam participar disso.

O que fazer, então? Como o Fórum poderia continuar a organizar festivais que promovessem uma integração entre atividades de formação em economia solidária e comercialização de produtos, se o público que participava da organização dos eventos estava ali pela Feira? Como expandir o público do Fórum para além dos integrantes da Incubadora e daqueles que viam sentido na economia solidária como Nathalia, André e Isadora?

5. O que fazer? Como resolver o impasse da formação em Economia Solidária em Santo Antônio do Vale?

Santo Antônio do Vale tem um histórico de movimento da economia solidária, mas enfrenta um dilema. Ao mesmo tempo em que são criadas iniciativas para a promoção da economia solidária na cidade, as pessoas que produzem e comercializam seus produtos desconhecem o sentido da economia solidária. Além disso, por mais que o Fórum se reúna regularmente com o intuito de deixar um legado para o município e construir um movimento social em economia solidária, discutindo e debatendo os problemas pelo trabalho autogestionário, seus participantes, em sua maioria, são integrantes da Incubadora Tecnológica.

Diante desse cenário, Isadora, André e Nathalia, sempre presentes nas reuniões do Fórum e nos Festivais, conversaram e chegaram aos seguintes questionamentos: deveriam participar dos espaços de comercialização dos Festivais e demais eventos só quem integra o Fórum de Economia Solidária de Santo Antônio do Vale? Ou melhor, o Fórum continuará abrindo os espaços de comercialização nos eventos que organiza para qualquer produtor ou será mais rigoroso em relação às questões de formação em economia solidária e adesão aos princípios da economia solidária?

Por outro lado, cobrar uma postura de compromisso, de frequência nas reuniões do Fórum, não será uma restrição na contra mão dos princípios inclusivos da economia solidária?

6. Notas de Ensino^{iv}

Objetivos da aprendizagem

Este caso de ensino tem por objetivo discutir o processo participativo pela trajetória do movimento da economia solidária em um município de médio porte populacional, com destaque para o aspecto da formação em economia solidária pelo público participante.

Espera-se que os alunos possam discutir as dificuldades enfrentadas no processo participativo em economia solidária, visto que mesmo com avanços na organização de eventos e constituição do Fórum, ainda há um desconhecimento da economia solidária por parte das pessoas. Não são todos os que comercializam nos Festivais que possuem características de cooperação, autogestão, solidariedade, ou seja, que já entenderam o conceito de economia solidária ou, até mesmo, se sentem fazendo parte do movimento de economia solidária.

Outro ponto a ser destacado diz respeito a constituição de um Fórum de Economia Solidária no município, onde são colocadas as problemáticas vivenciadas pelos empreendimentos econômicos solidários para discussão e encaminhamento pelo coletivo de participantes. O Fórum também realiza atividades formativas nos Festivais de Economia Solidária do município por meio de palestras, oficinas, rodas de conversa. No entanto, percebe-se uma baixa participação social.

Também deseja-se que os alunos percebam a trajetória da economia solidária impulsionada com a criação da Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Econômicos Solidários e o papel da universidade pública como entidade de apoio e fomento ao realizar ações de extensão universitária junto ao pública da economia solidária.

Além disso, pretende-se que os estudantes possam se apropriar do conhecimento sobre os conceitos de esfera pública pelo Fórum de Economia Solidária e gestão social pela dinâmica participativa do processo de tomada de decisão e, ao final da atividade proposta, possam desenvolver resoluções sobre o dilema apresentado.

Aplicação

O caso poderá ser aplicado em cursos de graduação em Administração e Administração Pública, em disciplinas que abordem as temáticas sobre Tecnologia Social, Estratégia de Mobilização Social, Gestão Social e Economia Solidária.

Apontamentos teóricos e questões para discussão

Este caso traz questões acerca da trajetória do movimento de economia solidária em um município e a sua compreensão. A economia solidária é vista como uma nova forma de organização da produção, em que os meios de produção são repartidos entre todos os que participam, de modo que ninguém seja excluído. Essas novas relações de produção devem

promover um processo sustentável de desenvolvimento econômico, trazendo valores ambientais, de igualdade, autorrealização, inclusão social e autogestão (SINGER, 2004).

Em um empreendimento solidário, todas as informações importantes ficam disponíveis para os interessados e tudo deve ser realizado de forma transparente, de modo que todos possam participar das decisões. A autogestão deve ser diferente da gestão capitalista porque os conflitos devem ser menores e devem ser resolvidos através de negociações coletivas. Assim sendo, a experiência de todos os sócios pode ser levada em conta, diferentemente da empresa capitalista, que concentra o poder de decisão (SINGER, 2000).

Segundo Benini e Benini (2010, p. 606):

é a partir dessa nova atividade desenvolvida pelos trabalhadores, ou seja, de serem trabalhadores e ao mesmo tempo “patrões de si próprios”, que tais empreendimentos são qualificados como autogestionários, ou ainda, como empreendimentos solidários.

Esses apontamentos teóricos sobre os empreendimentos estão presentes no caso, já que há artesãos e coletivo de mulheres que têm sua produção individual, mas a comercialização ocorre de forma coletiva. De acordo com Nascimento (2011), a economia solidária é caracterizada por um “conjunto de empreendimentos produtivos de iniciativa coletiva, com um certo grau de democracia interna e que remuneram o trabalho de forma privilegiada em relação ao capital, seja no campo ou na cidade” (p. 02).

No entanto, as pessoas que fazem parte desses empreendimentos muitas vezes desconhecem o que é a economia solidária e não participam das reuniões do Fórum de Economia Solidária, considerado um espaço público para discussão e deliberação das problemáticas vivenciadas pelo público da economia solidária.

Tenório (2005) aponta que a gestão social é construída com participação social e deve ser um processo dialógico, em que todos possuem direito à fala. Esse processo deve acontecer na esfera pública, onde diversos atores da sociedade civil participam, exprimindo suas pretensões e decisões. Neste caso, o Fórum de Economia Solidária pode ser considerado uma esfera pública, ou seja, um espaço para a prática da gestão social.

Assim sendo, percebe-se que a universidade articula o movimento de economia solidária no município pela atuação desempenhada pela Incubadora. Mas, para que o Fórum seja o espaço público da gestão social, torna-se necessário que haja mobilização e empoderamento social do público da economia solidária

Roteiro de aplicação do caso para ensino

Para este caso é indicado dividir a turma em grupos de quatro alunos.

Os alunos de cada grupo deverão se colocar no papel de participantes do Fórum de Economia Solidária de Santo Antônio do Vale e discutir acerca do dilema apresentado no caso.

Para auxiliar à atividade proposta, os alunos deverão responder às seguintes questões:

1. Quais medidas podem ser tomadas para fomentar a participação social, especialmente, dos empreendimentos econômicos solidários no Fórum de Economia Solidária?
2. O Fórum Municipal, mesmo com a baixa participação social, pode ser considerado uma esfera pública? Justifique sua resposta.
3. Quais atividades formativas podem ser pensadas pelo Grupo PET e pela Incubadora para a popularização da economia solidária?
4. Cobrar uma postura de compromisso e de frequência participativa no Fórum será uma restrição na contra mão dos princípios da economia solidária? Justifique sua resposta.

Após a discussão por cada grupo separadamente haverá uma apresentação para a turma com as conclusões obtidas. Em seguida, o professor deverá estimular um debate entre a turma relacionando os princípios da economia solidária com o dilema do caso, a fim de ampliar o aprendizado e o entendimento acerca dos conceitos trabalhados, como participação social, gestão social, esfera pública, economia solidária e Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Econômicos Solidários.

7. Referências bibliográficas

BENINI, E. A.; BENINI E. G. As contradições do processo de autogestão no capitalismo: funcionalidade, resistência e emancipação pela economia solidária. **Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 55, p. 605-619, 2010.

BENINI, E. G.; FIGUEIREDO NETO, L. F.; BENINI, E. A.; MELO, R. P. Cooperativismo e Autogestão: reflexões sobre a economia solidária. **Desafio: Revista de Economia e Administração**, v. 10, n. 21, p. 76-88, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Economia Solidária. **1º Plano Nacional de Economia Solidária (2015-2019)**. Brasília, 2015. Disponível em: http://www.unisolbrasil.org.br/2015/wp-content/uploads/2015/06/plano_nacional_de_ecosol_12062015_com_capa.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

BRASIL. Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Secretaria Executiva. **Fórum Brasileiro de Economia Solidária: a experiência de gestão e organização do movimento de economia solidária no Brasil**. Brasília, 2006. Disponível em: <https://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/texto-5363c725c2c79.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. Relatório da V Plenária Nacional de Economia Solidária. **Economia Solidária: bem viver, cooperação e autogestão para um desenvolvimento justo e sustentável**. Disponível em: https://fbes.org.br/wp-content/uploads/Acervo/Institucional/Documento_final_V_Plenaria_es.pdf. Acesso em: 22 abr. 2021.

FRANÇA FILHO, G. C. A problemática da economia solidária: um novo modo de gestão pública?. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 1, Rio de Janeiro, 2004.

FRANÇA FILHO, G. C. de; CUNHA, E. V. da. Incubação de redes locais de economia Solidária: lições e aprendizados a partir da Experiência do projeto eco-luzia e da Metodologia da ITES/UFBA. **Revista Organização e Sociedade**, [s. l.], 2009.

GONTIJO, F. M. C.; PAULA, A. P. P. de. Os sentidos da economia solidária: reflexões sobre um curso de formação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, 8 abr. 2019.

NASCIMENTO, C. **Autogestão e o Novo Cooperativismo**. Disponível em: http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812BCB2790012BCF8F95EF1C50/prog_autogestao_cooperativismo.pdf. Acesso em: 20 de abr. 2021.

SILVA, B. L. C. da; et al. **Grupo PET Gestão Social da UFF de Volta Redonda: Um relato sobre a contribuição da Universidade no fortalecimento da Economia Solidária. Integração e conhecimento: o desafio da conexão entre os grupos PET 10 a 12 de abril de 2015**. Ouro Preto, Minas Gerais.

SILVA, S. P.; CARNEIRO, L. M. **Os Novos dados do mapeamento de economia solidária no Brasil: nota metodológica e análise das dimensões socioestruturais dos empreendimentos**, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7410>. Acesso em: 21 abr. 2021.

SINGER, P. **A Economia Solidária no Governo Federal**, 2004. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/5246>. Acesso em: 21 abr. 2021.

_____. **Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário**. Estud. av. vol. 18, n. 51. São Paulo, 2004.

_____. **Dez anos de Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES)**, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3784>. Acesso em: 21 abr. 2021.

_____. **Economia Solidária: um modo de produção e distribuição**. In P. Singer e A. R. Souza, **A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**, São Paulo. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1035451/mod_resource/content/0/Economia%20soli

d%C3%A1ria%20um%20modo%20de%20produ%C3%A7%C3%A3o%20e%20distr%20Pau
l%20singer.pdf. Acesso em: 03 mai. 2021.

TENÓRIO, F. G. (Re)visitando o conceito de Gestão Social. **Desenvolvimento em Questão**, n. 5, p. 101-124, jan./jun. 2005.

ⁱ O Programa de Educação Tutorial (PET) insere estudantes de graduação em projetos de educação tutorial com o objetivo de aplicar seus conhecimentos e ampliar sua formação. A constituição de um grupo de alunos vinculados a um curso de graduação para desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão sob a orientação de um professor tutor visa oportunizar aos alunos participantes a possibilidade de ampliar a gama de experiência em sua formação acadêmica e cidadã.

ⁱⁱ O PPA define diretrizes, objetivos e metas de médio prazo (quatro anos) da administração pública para as despesas de capital e outras delas decorrentes e para as relativas aos programas de duração continuada. Nenhum investimento cuja execução ultrapasse um exercício financeiro poderá ser iniciado sem ser incluído no PPA.

ⁱⁱⁱ A LOA é o orçamento propriamente dito, uma lei que estima as receitas e fixa as despesas públicas para o período de um exercício financeiro. A LOA contém todos os gastos do Governo Federal e seu projeto deve ser enviado ao Congresso Nacional até o dia 31 de agosto de cada ano.

^{iv} Este caso de ensino foi construído com base em informações verídicas obtidas por pesquisa de campo pelas técnicas da observação simples em reuniões do Fórum de Economia Solidária, conversas informais com produtores das três edições do Festival e, também de entrevistas semiestruturadas realizadas com dez pessoas no III Festival de Economia Solidária. O município e o nome das pessoas são fictícios na intenção de preservar suas identidades.